



DIÁLOGO ENTRE EXPERIÊNCIAS

Carla Pontes Alburqueque
Elizabeth Zalcman
Emília Maria Fernandes
Maria da Conceição de Carvalho Rosa – Nalu
Maria Inez da Veiga
Nábia Bonauro

Grupos de estudo sobre *A prática profissional como espaço de pesquisa*

Coordenadores: Fernando Hernández e Juana M. Sancho

Julio, 2007

DIÁLOGO ENTRE EXPERIÊNCIAS

Carla Pontes Alburquerque
Elizabeth Zalcman
Emília Maria Fernandes
Maria da Conceição de Carvalho Rosa – Nalu
Maria Inez da Veiga
Nábia Bonauro

Este trabalho faz parte de um processo de pesquisa, no Brasil, do Centro de Estudios sobre el Cambio en la Cultura y en la Educación - CECACE, vinculado ao Parc Cientific de Barcelona, da Universidade de Barcelona, que desenvolve investigações sobre as mudanças na cultura e na educação relacionadas com as transformações na sociedade contemporânea.

A discussão apresentada neste artigo foi organizada a partir da leitura de oito relatos de experiências significativas na área profissional, escritas por participantes do grupo de pesquisa no Rio de Janeiro.

O texto está estruturado em quatro partes: a primeira é uma breve introdução que aborda o campo teórico onde se localiza a nossa reflexão; a segunda busca pistas para identificar o que define a escolha de uma experiência significativa para ser narrada; a terceira trata da mudança, enfoque dado em todos os relatos analisados, como conteúdo inerente à escolha das experiências compartilhadas por escrito; a quarta constitui-se quase como um texto à parte, mas, seguindo o mesmo trajeto, apresenta o processo dialógico estabelecido entre os componentes do grupo para produzirem este artigo. Por fim, algumas considerações finais, apontam a invasão do texto pelo seu próprio processo de produção.

A abordagem dada não visa refletir sobre as histórias contadas, mas sobre o que as caracterizam para ser compartilhadas, a partir do que é identificado como: *o que fica para mim*.

I – INTRODUÇÃO

Os diferentes campos do conhecimento humano vêm apontando a insuficiência do modelo explicativo positivista para lidar com as grandes questões contemporâneas. A super especialização da ciência nos seus diferentes ramos teve papel histórico importante na Modernidade, mas atualmente a fragmentação decorrente deste processo necessita ser superada, por um paradigma mais comunicativo entre os diferentes campos de saberes e destes com o mundo da vida.

A retomada de uma razão que não seja só instrumental, porém que estabeleça comunicação com o cotidiano da vida, já era uma assertiva defendida pela Escola de Frankfurt na primeira metade do século XX (FREITAG & ROUANET, 1990). Mais recentemente a teoria da complexidade tem alcançado expressão, em virtude de avanços no território das ciências físicas que provocaram conseqüências também nas ciências sociais e biológicas (MORIN, 2000). Nesta perspectiva, o objeto de conhecimento não está mais cindido do sujeito que o investiga.

No campo social, a articulação entre o macro e o micro, tem retomado abordagens voltadas para o cotidiano que foram duramente criticadas pelas escolas marxistas no século passado (GUATARRI & ROLNIK, 1986). A Fenomenologia, a

Etnometodologia e o Interacionismo Simbólico são métodos revisitados e também reinterpretados à luz da Hermenêutica (GEERTZ, 1978; HABERMAS, 1977). Nesta abordagem, o vivido nos cenários cotidianos é problematizado no contexto não apenas estrutural porém também na sua tessitura cultural, tendo por conseguinte potências instituídas (reprodutoras) e instituintes (transformadoras).

Particularmente na Educação, a valorização da experiência enquanto objeto de conhecimento e de produção de saber dinamiza o educador para autorizar-se a dialogar com sua prática, expondo-a ao domínio público (DEWEY, 1974). No diálogo coletivo de experiências é possível multiplicar significados, compartilhados (ou não), que por sua vez constroem pertencimento e enriquecem a prática cotidiana.

Este conhecimento em aberto que circula produz redes de investigação e práticas transformadoras (SANTOS, 2002). A importância de comunicar experiências significativas e transformadoras reside na força de problematizar o *sensu comum* da escola que parece estar paralisada diante do Mundo Contemporâneo.

II - A EXPERIÊNCIA NARRADA

O vivido, a prática cotidiana, a experiência vivenciada, o dia-a-dia, a ação, o movimento, o acontecimento, o significativo...

O que vale a pena ser contado? Como eleger algo a contar? O que na história vivida é elegível para ser narrado? O que é preciso compreender narrando? O que escolho para escrever e para tornar público? Que critérios utilizo para selecionar? O que me move à escolha do que sendo meu, ao ser compartilhado, não pertence mais tão somente a mim, e já não é mais o que foi? O que constitui conhecimento?

Nos relatos que lemos, encontramos o que nos parece ser possíveis pistas à escolha do que contar neste contexto: uma experiência significativa na área profissional a ser relatada, por escrito, a um grupo de pesquisa/estudo.

a questão que fica para mim¹ e que eu quero focar (Lourdes)

A importância é atribuída à experiência a partir do que *fica para mim*. O que é importante para compartilhar é o que marcou, o que provocou reflexão, possibilitou o pensar, o que causou mudanças no eu e nos outros.

Há alguns anos atrás, participei de uma experiência marcante em minha vida profissional. (Liliane)

conto uma das experiências possíveis para pensar o atendimento à saúde.[...] Eu encontrei no trabalho dos Doutores da Alegria, através da figura do palhaço, uma forma de pensar saúde. (Morgana)

O que *fica para mim* também envolve os sentimentos que a experiência provoca.

Escolhi para esta apresentação escrever sobre o trabalho mais recente. Me sinto muito envolvida por ele e com ele, arquitetando e investigando (Gianine)

¹ Todos os grifos que aparecem nas citações foram inseridos pelos autores deste artigo.

É interessante observar que o próprio título de um dos textos, o da Maria Lúcia Calderon, sugere a importância do aspecto emocional no processo de aprendizagem “*Aprendizagem, um caminho para o cérebro que necessariamente passa pelo coração*”. Todos os relatos estão atravessados por um sentimento de prazer e afeto implicado no processo de aprendizagem, que fica explícito em cada experiência eleita.

partilhar indagações e coletivizar a forma prazerosa, afetiva e singular da nossa experiência. (Cláudia Ruas)

Minhas emoções, saberes, dúvidas e dedicação passam pela experiência (Isabella)

Mas, talvez, além dos aspectos sinalizados, dois deles mereçam especial atenção: a participação de um outro e a necessidade de mudança.

Todos os relatos têm um outro ou outros que fazem parte da construção da experiência, que a compartilham, e dão a dimensão da importância do acontecimento. É no que acontece na interação com esse outro que é dado o devido valor à experiência no âmbito da vida profissional.

No relato de Morgana encontramos:

estamos realizando [um percurso] dentro da experiência de se relacionar com pessoas doentes no hospital.

Sua narrativa explicitamente aponta o relacionamento com os doentes como foco e o tempo verbal e mostra que não só ela participa da experiência. Mais a frente cita a participação com os artistas Doutores da Alegria.

Cláudia apresenta seu texto na primeira pessoa do plural e relata o processo de partilha de um grupo:

Eu, juntamente com algumas colegas [...] Convidamos “A professora” do curso para nos orientar.

Liliane fala da constituição de um *espaço de troca de experiências*. A participação de uma equipe e a relação desta com alunos no projeto Sala de Leitura, apresentado em seu relato.

Beatriz assusta-se com a presença de jovens, mas, é o contato com eles que favoreceu novas possibilidades.

Estranho, num primeiro momento, olhar aqueles meninos e meninas criando, mandando, argumentando, discutindo com grandes empresários, com uma segurança e habilidade que me fascinavam e ao mesmo tempo me apavoravam.

Isabella desenvolve a sua experiência na relação com uma professora que tem a tarefa de supervisionar pedagogicamente. E no seu relato o que parece tornar significativa a experiência é a relação bem sucedida que a professora supervisionada consegue estabelecer com seus alunos:

Ela não conseguiu nem esperar nosso próximo encontro e depois da experiência entrou em minha sala com lágrimas nos olhos – disse que nunca tinha vivido algo parecido numa sala de aula, que os alunos nem piscavam diante de sua narrativa e que tinham tanto a comentar depois que ela ficou emocionada, disse que agora sabia o que era experimentar o prazer de ler livros e que não importava se o livro tinha “conteúdo” para ser trabalhado depois, o alívio era diante da experiência que tinha vivido- formar leitores ia mesmo muito mais além do que ensina-los a ler. A emoção era dela e minha – a formação não demandou textos e teoria, prazer de ler não se ensina, se vive!

Maria Lúcia tem a relação com seus alunos como principal foco de sua narrativa:

venho procurando imprimir outra marca na minha relação/interação com as crianças.

Gianine nos quatro primeiros parágrafos de seu texto explica a experiência. Entretanto, quando começa a relatá-la, mistura-se aos outros parceiros no acontecimento, alunas do curso de Pedagogia:

nossos saberes e fazeres, nossas vivências, nossas experiências discentes e docentes ao longo deste curso de Pedagogia.

Lourdes Atié destaca um aspecto fundamental que permeia as escolhas do que ser contado no relato: *a experiência que estamos vivenciando sirva para que todos aprendam, mesmo com situações tão desiguais.*

A perspectiva de que outros aprendam através do relatado sugere que há um conhecimento a ser compartilhado nas narrativas eleitas.

A palavra narrar vem do verbo latino ‘narrare’, que significa expor, contar, relatar. [...] Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é o destino de toda história. (PRADO e SOLIGO, 2005)

Portanto, parece que o significativo *para mim*, o *eu*, poderá ser significativo *para o outro*, o leitor.

CIFALI (2001) aponta que o relato que surte efeito provavelmente é aquele que leva o leitor a operar confirmações, a estabelecer associações onde uma semelhança é reconhecida, uma diferença descoberta. Conexões são feitas e outras histórias vêm à memória. Há um trabalho ativo onde a riqueza de ligações provoca no leitor uma transformação.

PRADO e SOLIGO (2005) destacam que todo narrado é construído a partir da escolha de partes selecionadas. A relação entre o narrado e o que nele se revela não provoca explicações, mas interpretações.

Ao discutir os diferentes modos de pensamento, BRUNER (1998), destaca que as histórias, ao contrário dos argumentos, convencem alguém, não de veracidade, mas de sua semelhança com a vida, de verossimilhança.

Portanto, muitas vezes quando lemos os relatos nos pegamos pensando: “é isto” ou “faz sentido” como diz CIFALI (2001). Identificamo-nos.

Todos os relatos de experiências analisados enfocam a mudança como fator que dá valor ao contado e contribui determinantemente à escolha da experiência a ser narrada por escrito para se tornar pública. Compartilhar um processo de transformação é o que, aparentemente, pode contribuir à aprendizagem de outros provocando desejos e causando identidades. Mais adiante trataremos do enfoque dado à mudança com mais detalhes.

Mas, há, também, uma certa preocupação de que a experiência para ser compartilhada seja inovadora, inédita.

Liliane que participou do Projeto Sala de Leitura aponta esta experiência como uma inovação, na época em que foi implantado, e aponta a importância de outras experiências inovadoras:

o Projeto Sala de Leitura foi incorporado pelo governo e sei de muitas outras experiências inovadoras que têm dado certo, ao longo do nosso imenso Brasil. Bem, esta é uma das experiências vividas por mim que considerei importante relatar. (Liliane)

Beatriz aponta o pioneirismo tanto do trabalho que estava realizando como da sua própria experiência particular:

Ao mesmo tempo em que conhecer, aprender, criar o trabalho de desenho instrucional para educação online me fascinava (e continua me fascinando) pelo pioneirismo, pelas inúmeras possibilidades, pela perspectiva de democratização da educação no nosso país, entre tantas coisas, também me trazia muitos conflitos, pelas dificuldades, pelo preconceito ainda existente, pela falta de modelos, por puro medo. (Beatriz)

Ajuda-nos a evidenciar este aspecto, necessidade do inédito, a preocupação explicitada por Isabella.

Não tenho dúvida de que minhas resistências ao expor este relato passam pelo conflito de que não tenha nada de tão original assim para expor.[...] sejam experiências muito similares a todos. (Isabella)

A resistência ao expor é atribuída à idéia de que a experiência que pretende relatar não é original, tem muitas outras similares. É interessante observar que um dos aspectos fundamentais da narrativa das experiências é a possibilidade de outros com ela se identificarem e estabelecerem relações. Portanto, não nos parece haver nada de negativo em contar algo que não seja totalmente inédito. Inclusive porque toda experiência é singular, e portanto inédita, ainda que tente reproduzir algo já realizado. Como nos dizem, HERNÁNDEZ e VENTURA (1998), *qualquer experiência educativa é singular, ainda que nem por isso possamos dizer que seja a única*.

A preocupação de Isabella, também, está evidenciada no próprio interior da experiência relatada, quando ela busca legitimar em termos teóricos a experiência que viveu.

Muito tempo depois descobri um termo na teoria de formação de professores que legitimava minha experiência – homologia de processos. (Isabella)

Parece haver uma busca de legitimidade à experiência para que ela mereça ser contada. Essa legitimidade é reconhecida na idéia de inovação e de significatividade que julgamos ser necessária para além de nós, também aos outros.

Mas, o que faz com que identifiquemos uma experiência como legítima *a mim* é o mesmo que a faz legítima de ser relatada a outros e especialmente por escrito? Elegeríamos e legitimaríamos a mesma experiência, caso o relato fosse oral e sem registro?

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. (BONDIA, 2001)

É possível uma experiência, conforme definida por BONDIA, não ser original, inovadora, àquele que a ela atribuiu significatividade? A outro pode pertencer o poder de atribuir legitimidade à experiência vivida, senão àquele que a viveu?

Quando relatamos por escrito para compartilhar, esperamos que o narrado seja legitimado pelo outro? Mas, se o outro legitima a nossa experiência ela ainda nos pertence ou passa a ser o vivido, o experimentado, pertencente a esse outro?

É possível compartilhar um relato escrito sem nos preocuparmos com o outro, leitor? Será que assim como há outros que povoam as experiências narradas, possibilitando que o vivido toque *a mim, fique para mim*, há também, outros, os supostos leitores, que nos fazem definir o que eleger como significativo a narrar?

É nesse movimento indagativo que nos parece ser desenhada a narrativa da experiência.

Examinando a narrativa como um modo de pensamento e como veículo de produção de significado, BRUNER (2001) alerta para a importância desta na coesão da cultura tanto quanto o é na estruturação do indivíduo. Entretanto, o modo de pensamento valorizado pela ciência é o lógico-científico.

Há uma insensibilidade na lógica: vai-se até onde as nossas premissas e conclusões e observações nos levam, deixando-se de lado alguns enganos a que até mesmo os lógicos estão propensos. Os cientistas, talvez por acreditarem em histórias familiares para preencher as lacunas do seu conhecimento, têm maior dificuldade na prática. Mas sua salvação é eliminar as histórias quando estas podem ser substituídas por causas. (BRUNER, 1998)

Apontando o erro ao separar-se a ciência da narrativa da cultura, BRUNER (2001) afirma que é apenas no modo narrativo que o indivíduo constrói identidade e encontra lugar em sua cultura. Por isso, é importante avançar no estudo das narrativas enquanto modo de pensamento:

Obviamente, para que a narrativa se transforme em um instrumento da mente no lugar de produção de significado, é preciso trabalho de nossa parte – precisamos lê-la, produzi-la, analisá-la, entender seus mecanismos, sentir seus usos, discuti-la. (BRUNER, 2001)

Talvez a necessidade de encontrar legitimidade no outro, para a experiência narrada por escrito, e não somente *no que fica para mim* possa estar refletindo em parte essa discussão do que é ou não considerado ciência. HERNÁNDEZ e VENTURA (1998) ao destacarem que toda experiência educativa é singular alertam:

Essa afirmação, colocada na boca daqueles que assumem a realidade de forma preestabelecida, reduz a possibilidade de comunicação de uma experiência a uma piada sem valor científico.

Mas, por outro lado, a necessidade de legitimidade também pode evidenciar uma preocupação com o que é importante ao outro e não somente a mim. Somos seres singulares porque estamos imersos na pluralidade. Somos indivíduos, mas necessitamos do coletivo. Somos seres sociais. Ainda que estejamos sozinhos fisicamente, há sempre outros internalizados em nós. Nosso pensamento parece estar sempre dialogando com estes outros que nos constituem indivíduos. É nesse movimento com os outros, e com os nossos outros internos, com o singular e o plural, com o individual e o coletivo que é definido o significativo a ser narrado. O que *toca a mim* que julgo ser possível tocar ao outro? O que me *trans- forma* de forma prazerosa, que julgo poder contribuir à *trans- formação* do outro?

O selecionado, recortado, escolhido para contar, aparentemente, tem implícito o que julgamos ser importante para o nosso leitor, o que achamos que poderá impactá-lo, chamar sua atenção e contribuir para que ele também tenha o prazer de viver experiências significativas em processos possivelmente semelhantes.

Podemos sugerir que a seleção das experiências compartilhadas nos relatos é baseada no impacto pessoal, *o que fica para mim*, nos sentimentos de prazer, de aprendizagem e de mudança que produzem e no que se julga causar impacto ao leitor; trazem necessariamente a participação de um outro e/ou outros no processo de construção da experiência; tem a intenção de produzir aprendizagem em outras pessoas, *que sirva para que todos aprendam*.

III – A MUDANÇA

Mudar, mudança. Muitos significados. Muitos mesmo?

Mudar (do latim mutare)

1. Fazer ou sofrer mudança;
2. deslocar de posição: transferir para outro local, remover; dar outra direção a, afastar, desviar; dispor de outro modo, recombina;
3. apresentar(se) de modo diferente, alterar(se), modificar(se): cambiar, variar; trocar por outro, substituir;
4. modificar as características essenciais de algo, deturpar, desfigurar, descrever ou interpretar falsamente.

Mudança: ato ou efeito de mudar(se), muda, mudamento:

1. Trocar de lugar;
2. transferência de móveis, objetos... para outro local;

3. colocação de um indivíduo (coisa ou pessoa) no lugar de outro; substituição, troca;
4. transformação decorrente de certos fenômenos;
5. modificação do estado normal de algo; alteração de processo; expectativa.

Quando sabemos, de fato, que ocorreu? Como a identificamos no nosso percurso profissional?

Os relatos nos apontam algumas características que não contém um só dos significados acima descritos, mas refletem um entrelaçamento de quase todos.

A mudança supõe um deslocar de posição, uma troca de lugar, modifica o pensamento, as relações, as expectativas, modifica-nos:

Pra minha vida, mudar naquele momento me colocou em outro lugar de ação, de pensamento, de relações afetivas, de perspectivas. (Beatriz)

Atribuo sim a uma mudança de postura na vida, como pessoa tenho procurado andar mais devagar, com tempo para olhar mais ao meu redor e com mais tranqüilidade para escutar e enxergar as pessoas e o mundo. (Maria Lucia)

Ela também dá outra direção, dispõe de um outro modo, exige “desvios”:

Pensando em tudo isto venho procurando imprimir outra marca na minha relação/interação com as crianças. (Maria Lucia)

É preciso mudar o fluxo. É preciso estabelecer relações para mudanças em outras bases. (Lourdes)

Possibilita substituições, trocas, alterações, variações:

Queríamos uma forma alternativa à acadêmica para continuar nossos questionamentos e convivência. (Claudia)

Naquela ocasião, pensamos em transformar aquele espaço em um lugar de troca de experiências. (Liliane)

Embora em nenhuma das experiências narradas tenhamos encontrado mudança no sentido de “modificar as características essenciais de algo, deturpar, desfigurar, descrever ou interpretar falsamente”, no seu processo aparecem, nos sujeitos envolvidos, sentimentos que, aparentemente, a “ameaçam”, de uma maneira ou de outra:

O risco: Mudar tanta coisa naquele momento me parecia um risco enorme...(Beatriz)

O susto: Confesso que isso já foi um susto enorme. (Beatriz)

O medo: ... e ao mesmo tempo me apavoravam. (Beatriz)

Os conflitos: também me trazia muitos conflitos, pelas dificuldades, pelo preconceito ainda existente, pela falta de modelos, por puro medo. “(Beatriz)

A inquietação: ... eu tinha uma inquietação que me acompanhava... (Morgana)

O estranhamento: “Nesta dinâmica as vezes fico intrigada, outras perplexa...(Gianine)

Partindo do próprio sentido da palavra experiência, BONDÍA (2001) nos fala que ela “contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo”, tanto nas línguas germânicas como nas latinas.

fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a fazemos acontecer, “fazer significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos assim ser transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER apud BONDÍA, 2001)

Se partimos desse conceito de experiência, concluímos que ela só é verdadeira, só existe, se possibilita mudança. Experiência e mudança também se articulam e são inseparáveis: experiência é mudança.

Apesar do perigo da e na travessia, por que a enfrentamos? Quando e como isso ocorre? Existem fatores que favorecem a mudança? Por que algumas pessoas ou situações mudam e outras não? O que nos faz (nos) mover(mos)?

Num primeiro momento, na mudança há algo de novo que se descobre porque, de alguma forma, se buscou:

Trata-se de um percurso de buscas e descobertas...(Morgana)

Essa proposta tem agregado outra lógica, novas possibilidades para minha prática... (Gianine)

A vida andava meio sem graça. Estava um bocado infeliz com a minha vida profissional. Precisava de alguma coisa nova... (Beatriz)

Queria outras coisas, outras pessoas, outras falas, outros lugares. (Beatriz)

Mas o que aparece muito forte nas experiências narradas e que perpassa todas elas, para além da diversidade das situações e espaços em que foram vivenciados, é algo relacionado ao que Morgana nos fala em seu relato, recordando Espinosa:

Espinosa fala que, tudo o que existe, são corpos compostos de qualidade de afetar e serem afetados por outros corpos. Quanto mais um corpo pode expressar sua potência, mais próximo ele está de sua essência. A potência se repete nos encontros, manifestando sua intensidade.

Mudamos ou implementamos mudanças, ao que parece, quando algo nos afeta, aciona nossa potência, nos toca na essência, nos fascina, nos apaixonona:

Havia um fluxo de vida dentro dos quartos que poucas pessoas que ali trabalhavam conseguiam alcançar [...] porque eles despertam potência de ação, através de paixões alegres... (Morgana)

... me fascinava (e continua me fascinando).. (Beatriz)

“A busca do saber era sempre uma paixão que tentava usar como modelo e sempre acreditei que ninguém se apaixonona por tabela, é preciso entrar em contato direto com seu objeto de paixão. (Isabella)

Se entendemos que experiência é mudança, encontramos também em BONDÍA (2001) a correlação entre experiência e paixão:

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade de ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

Mudamos, então, porque buscamos, porque resistimos a permanecer como éramos, mas, sobretudo, porque nos dispusemos a nos colocar em outro lugar, porque aceitamos sofrer alterações, com tudo o que isso supõe de risco e insegurança, e somente quando percebemos que o objeto da experiência vivida nos toca em nossa potência de vida.

IV – A EXPERIÊNCIA VIVIDA: O PROCESSO DO GRUPO

*Eu não sou você
 Você não é eu
 Mas somos um grupo, em que
 Somos capazes de diferenciar
 eu ser eu , vivendo com você e
 você ser você , vivendo comigo
 (Madalena Freire, 1997)*

Processo complexo, difícil e rico esta vivência de grupo.

Nossa convivência tem sido pautada pelas experiências que vivenciamos em nossos encontros.

Revivendo os momentos iniciais, nosso grupo de trabalho era composto de oito participantes.

De cara dois deles desistiram. Vida atribulada, tempo ocupado, impossibilidades internas, muitos compromissos. Desistência. Um baque para os demais integrantes.

Mas reagimos.

Nosso desejo de viver esta experiência inédita foi o maior e permanece.

Por que continuamos, apesar de tantos senões?

1º Encontro - finzinho de tarde de um domingo de junho.

Nos reunimos num restaurante, no Baixo Gávea, para nos encontrarmos pela 1ª vez- grupo novo, novos desafios.

]Foi bastante difícil conciliar um horário de encontro comum. Não foi possível a participação de todos integrantes.

O primeiro desafio foi nos conhecer. Algumas pessoas se conheciam mais do que outras mas não ao ponto de se identificar para uma construção conjunta.

Era notório o esforço que cada um fazia para compreender de que lugar o par falava. Era notória ainda, a divisão de permanecer ou não na proposta.

Foi o primeiro momento de exercitar a aceitação das diferentes leituras, dos diferentes olhares e entendimento. Foi o momento de lidar com a diversidade.

Alcançamos o objetivo inicial e estruturamos o corpo do trabalho e dividimos tarefas.

2º Encontro - Casa da Inês.

Lugar tranqüilo. Próprio para produção.

Tarefas pensadas. Tarefas realizadas.

Momento de escuta.

Cada um com suas idéias e produção.

O foco deste encontro foi a mudança de paradigma que a proposta do CECACE trazia para nós, educadores: nós seríamos os protagonistas da ação educativa e não os teóricos.

Definimos então a estrutura do nosso texto. Bem tramada, cheia de bordados...

Nalu trouxe uma estrutura de texto que serviu a todo grupo para compor o trabalho.

Nós somos o sujeito da ação!

Ficamos indecisos no título “Dialogia entre as narrativas?” “Escolha da Experiência Vivida?”

Decidiríamos em um outro momento da construção.

Foi um exercício de troca de generosidade, de abertura para o outro o reconhecendo em sua competência e talento.

Fizemos a síntese em ato de nosso encontro.

3º encontro - Casa da Inês. Mesmo cenário. Tudo igualzinho, lanche, materiais, computador. Ah! Isto mesmo tudo informatizado. Carla à frente do computador registrando todas as palavras e momentos.

Os registros do processo estão em cada ata que elaboramos. A pauta foi ler os textos já elaborados e analisar os textos da Emilia e da Beth.

Grupo crítico, exigente. Algumas novas idéias para os textos em questão.

Momento de garantir a inclusão. Tarefa nada simples. Vale lidar com a diversidade, a pluralidade de estilos e incluir todos eles. Momento marcante de poder experimentar coletivamente. De trocar com os outros as nossas experiências.

Precisamos mesmos fazer de nós mesmos sujeitos do pensar, fazer teoria e compartilhar.

Optar pela construção de um saber coletivamente construído.

Não estamos sós!

A NOVELA DA PRODUÇÃO...

-OK, vamos começar.

-Mas fazer o quê? ...alguém entendeu o que era para fazer?

Depois de um longo silêncio, chegou, via e-mail, as diretrizes de Juana.

-Ufa, vamos começar.

Mesmo com informações truncadas sobre os integrantes do grupo, o nosso grupo se mostrou disponível, porém, como qualquer mortal/ educador...sem tempo.

-Mas vamos lá!

29/05 às

Oi a todos

Parece que agora está definido. Nosso grupo é o 2 e seus membros: eu (Andréa), Carla, Beth, Inez, Emilia, Nalu, Nábia e Wilson.

Precisamos nos comunicar. Esse email está compartilhado, basta vcs responderem para todos. Eu sugeri um encontro no domingo (4/6) às 16h ou 17h. Seria no play da Helena, mas como ela não está mais no grupo precisamos pensar em outro lugar... É apenas uma sugestão. Vamos nos falando. Respondam se receberam esse email. Precisamos ter certeza que estamos em contato.

Um abraço

Andréa

04/06

Como mais ninguém se manifestou, não há possibilidade de reunião no Baixo Gávea hoje. Também para quem trabalha a semana inteira e até sábado, como eu ontem, fica difícil comprometer o domingo também. Temos que dar atenção aos filhos, companheiros e também a nós mesmo.

Penso que seja melhor irmos nos comunicando por mail. Mas recebi até agora, apenas mensagem de Beth e Andréia. Cadê Inez, Wilson, Emília, Nabia e Nalu?

Podemos ver cada um, se temos todos os textos que nos couberam. Se faltar algum, quem tiver envia na nossa sublista (só clicar no responder a todos). Depois, podemos dividir por dupla (seriam 4 duplas). Dois textos por dupla, para serem analisados conforme roteiro e discussões que aconteceram com Fernando e Juana.

Okay? Vamos sair da inércia?

Pelo que sei temos apenas junho para redigir nosso texto...e escrever a tantas mãos não é nada fácil!

Inté...

Carla Albuquerque

Grupo definido, tentativa de se ver pois não somos da geração Internet...o olho no olho é tudo.

Tarefa quase impossível.

04/06

Oi povo...

...Já tinha me preparado para o nosso encontro, mas só duas, creio que é muito pouca representação. .. Olhando minha agenda, num "esforço de reportagem", consigo também 5a. feira entre 17 até 19:30, mais ou menos ou na manhã de sábado 10.

Até.

Abraços.

Inez

05/06

Oi povo!

Pelo que entendi, Beth pode às 17h. Já somos quatro...

...Quem pode falar com os outros?...

Abraços.

Até lá.

Inez

06/06(23:17)

Pessoal está ficando muito confuso. Já desanimei do encontro desta quinta feira, como tinha entendido que não seria mais possível, já marquei outra coisa.....A agenda de todos não é nada fácil....

Tomara que a gente consiga uma metodologia de trabalho mais fácil.....

Boa noite

Carla Albuquerque

06/06

Olá grupo, vamos nos comprometer em ler os textos, talvez definindo alguma ordem e datas e passarmos por e-mail nossas observações, talvez marcando datas para enviarmos nossos comentários por e-mail....e depois do feriado podemos nos encontrar...que tal?

Bjs

Beth

Sábado, estou trabalhando o dia todo na Campanha de Vacinação de Poliomielite.

É vai ser difícil o encontro ao vivo, proponho que não desistemos, mas que possamos ir trabalhando via mail.

Podemos dividir as duplas com 2 texto cada e ter um roteiro básico de análise. Foi assim que meu grupo anterior fez e deu certíssimo.

Abração

Carla A.

Difícil estabelecer até mesmo qual seria o meio oficial da comunicação do grupo, pois nem todos acessam a Internet com frequência e estabelecer um horário comum para encontro, estava complicado.

-Por que isto estava acontecendo? Prioridades distintas? Falta de objetividade na proposta do trabalho? Dúvidas?????????

Primeira tarefa comum a todas: Ler os textos.

-OK. Fizemos...fazer o que com esta leitura?

Pelo menos todas tinham as mesmas informações neste instante, podíamos começar a conversar.

Até então a comunicação ainda estava sendo pela Internet mesmo de forma capenga...

Como é importante quando alguém toma a frente do trabalho no sentido de querer fazer e marcar etc, etc... assim o grupo andou.

Depois, o desafio era: lidar com os diferentes ritmos e envolvimento de cada um, lidar com as ansiedades e exigências distintas, tornar comum o que cada um entendeu em uma fala comum/ do grupo,...ufa ...

Surge uma desistência de uma integrante no meio do processo....

A pulga cochicha atrás da orelha:

-Será que devo sair também? Vou dar conta? Será que sei fazer isso? Isso o quê?

- Não! É uma proposta bacana... é um desafio.

Aos poucos vamos percebendo que a nossa própria experiência em definir como e o que fazer vai dando forma ao texto que temos que escrever...Escrever este texto vai se definindo de acordo com que decidimos de tarefas, fases, o que e como deverá ser feito (acredito eu).

O grupo criou uma metodologia de trabalho e só assim pode definir novas metas, independentes de terem sido as melhores metas, estavam definidas e deram rumo ao trabalho do grupo.

Tarefas definidas, comunicada também aos que não puderam ir ao encontro....

- E vamos lá!

Nova fase, nova crise:

- Ah, não consigo fazer todas as etapas...eu fiz mas está uma loucura...será que escolhemos o caminho certo?

Mas uma vez surgem as mesmas questões que estão presentes desde o nosso primeiro texto para o grupão:

- O que escolher? O que apresentar? O que tem relevância para o outro? O que compartilhar? Será que sei fazer???

Meninas

Tudo bem?

Não sei como vocês andam na tarefa, mas eu estou no ponto. No ponto de jogar tudo fora!!!!!!

Depois de reler todos os textos distribuídos ao longo desse período, comecei a escrever seguindo o que tínhamos combinado. Fui percebendo que não ia dar conta de chegar a algum lugar, se escrevesse tudo. Fui mesclando escrita com "promessas" de escritos, tentando manter (ou encontrar??) um fio condutor. Ledo engano!!!

Acho que me enfiei em trilhas e fiquei presa a elas. Quando deveria achar que tinha terminado um primeiro rascunho e que só faltava detalhar, veio essa vontade de jogar fora. Resisti!!! Resolvi partilhar esse texto(?) louco com vocês...

Ma Ines

Também estou aqui corrigindo 90 provas. mais trabalhos de pesquisa de orientandos, além de relatórios do hospital e a tese do Dout. Só poderei trabalhar no texto no sábado. Posso encontrar no domingo, de 17 às 19:30, pode ser? Confirmem o encontro e o endereço.

Beijos

Carla A.

Só pude trabalhar no texto hoje durante o dia e pela madrugada. Fiz uma tentativa de buscar evidências nos relatos. Tentei fazer uma garimpagem inicial e dar uma estrutura, mais ou menos, de acordo com o que tínhamos combinada na reunião. Na prática as coisas só ficam claras quando começamos a escrever. Por outro lado, era necessário deixar uma estrutura inclusiva, não só do que eu pretendo trabalhar, mas à contribuição de todas. Por isso mantive a divisão que combinamos com sub títulos. Comecei a trabalhar na parte I - A experiência Narrada, mas não está pronto, ainda preciso incluir alguns referenciais teóricos e analisar com mais profundidade alguns aspectos. A idéia é que a prioridade do texto seja dialogar com os relatos e trazer alguns autores que possam ajudar a refletir sobre o que surge no diálogo.

Inez, jamais pense em jogar nada do que escreva fora. Já fiz isso é só perdi, não exatamente jogar fora, mas esconder, não mostrar a ninguém. Até mesmo o que julgamos não ser proveitoso, em outros momentos pode ser muito útil. Você ter enviado o texto me entusiasmou a começar a produzir. Acho que o que você fez, em grande parte cabe desenvolver a partir da segunda parte: o enfoque à mudança.

Penso que é importante que as considerações teóricas sejam aprofundadas e trabalhadas por dentro do texto, não em parte separada, mas no diálogo com os relatos.

Estou mandando o que já fiz, mesmo inconcluso, com a intenção de ajudar e para que vocês avaliem se este é um bom caminho.

Beijinhos para todas e que Deus nos ajude!

Nalu

Olá todas...definitivamente não vou conseguir sozinha fazer textos elaborados ou organizados como o de vocês...então resolvi colaborar com minhas observações que fiz dos textos. Ainda estão incompletas...mas acho que irá servir para complementar olhares. Crio coragem e envio!

Beijos

Beth

Analisar os textos me parece ter sido o mais confortável para a maioria fazer, assim como levantar questões...

-será que a facilidade veio por termos feito isto anteriormente com o grupão?

Pelo resultado dos registros que cada uma enviou, é notável que as mãos estão mais soltas...o texto rola com um pouquinho mais de facilidade...claro que quem tem o hábito de registrar, elaborar textos, sintetizar, fazer relações, a tarefa não é tão complicada.

Os textos vão sendo enviados por e-mail e avaliados por todos, mas, o fazer concretamente, botar a mão na massa, ocorre só no 2ª encontro, mas uma vez, quando rola "olho no olho", parceria, voz ao vivo e a cores...

E o terceiro encontro acontece...

Acontece um encontro do grupão

E o quarto encontro acontece...

Estamos trabalhando.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Silêncio!

Folha em branco, tela em branco. Ausência...

De repente, ouvem-se muitas vozes.

- Que falatório!

Aos poucos as falas se inscrevem.

Estabelecem-se, ordenam-se.

Há escuta. Lida, ouvida.

Faz sentido, dar-nos sentido.

Silêncio quebrado! Palavras na tela. Folhas escritas!

Inicia-se o diálogo...

Produzir este texto nos levou a um intenso diálogo, não somente entre nós e os relatos analisados, mas especialmente entre nós participantes do grupo. A experiência vivida durante a produção foi tão intensa que invadiu o próprio texto.

Ao dialogarmos com as experiências narradas nos oito relatos que analisávamos, percebemos que estávamos também, nesse momento, construindo uma experiência muito significativa para o grupo. Um acontecimento, dois movimentos: analisar os relatos e analisar o que se passava conosco durante este processo.

Como acertar a conta, combinando os elementos: tela do computador em branco + oito histórias nas mãos + seis pessoas que mal se conhecem = artigo?

Não é fácil!

Mas, é um bom desafio a resolver. De fato, tínhamos uma boa situação problematizadora que nos proporcionou uma rica experiência.

Na nossa história, nossa novela, vivíamos o que encontrávamos nos relatos lidos: o impacto pessoal, o prazer, a relação com o outro, a aprendizagem, a mudança, a transformação, as contradições do inédito, a vontade de que a experiência vivida ao ser compartilhada servisse *para que outros aprendam*.

Então, o que era silêncio, tornou-se diálogo: lemos, selecionamos, conversamos, discordamos, concordamos, ouvimos, trouxemos outros autores para a conversa. A palavra foi caminhando para a tela, caminhando para o papel...

E o que era ausente, tornou-se presente.

Por fim, estivemos todos aqui, no "Diálogo entre Experiências", autores deste artigo, autores dos relatos analisados, autores *convidados* e você leitor.

VI - BIBLIOGRAFIA

- BONDIA, Jorge Larrosa. 2001. *Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência*. Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Leituras – SME. Campinas.
- BRUNER, Jerome. 1998. *Realidade Mental, Mundos Possíveis*. Porto Alegre. Artmed.
- _____, 2001. *A Cultura da Educação*. Porto Alegre. Artmed.
- CIFALI, Mireille. 2001. “Conduta clínica, formação e escrita”. In: PERRENOUD, Philippe et alli. *Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre. Artmed.
- DEWEY, John. 1974. “A Arte como Experiência”. In: Os Pensadores. São Paulo. Abril.
- FREIRE, Madalena. 1997. *Grupo - Indivíduo, Saber, e Parceria: Malhas do Conhecimento*. Seminários. São Paulo. Editora Espaço Pedagógico.
- FREITAG, Bárbara & ROUANET, Sérgio (org). 1990. *Habermas*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo. Ática.
- GEERTZ, Clifford. 1978. Por uma teoria interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. Zahar.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. 1986. *Micropolítica. Cartografia do Desejo*. Petrópolis. Vozes.
- HABERMAS, Jürgen. 1987. *Dialética e Hermenêutica. Para a Crítica da Hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre. L& PM.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat, 1998. *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho O Conhecimento é um Caleidoscópio*. Porto Alegre. Artmed.
- MORIN, Edgar, 2000. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo. Cortez. Brasília, DF: UNESCO.
- PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. “Memorial de Formação – quando as memórias narram a história da formação...” In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. (orgs.) 2005. *Porque Escrever é Fazer História. Revelações, Subversões, Superações*. Campinas. UNICAMP e Abaporu.
- SANTOS, Boaventura. 2002. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência. Para um Novo Senso Comum: A Ciência, o Direito, a Política na Transição Paradigmática*. (Vol1). São Paulo. Cortez.

RELATOS MENCIONADOS

Mudar. Beatriz Prado.

Ata e desata partilhando uma experiência de formação continuada. Cláudia Ruas.

Arquitetura na formação docente. Gianine Pierro.

Formar Professores: como fazer com que a informação se inclua na formação? Isabella Sá.

Sem título. Liliane Ferreira dos Santos.

Relato para o grupo do CECACE. Lourdes Atié.

Aprendizagem, um caminho para o cérebro que necessariamente passa pelo coração. Maria Lúcia S. Calderon.

Um olhar além do diagnóstico. Morgana Masetti.